

# a VOZ de MELGAÇO

Redactor e Administrador:  
JULIO HILARIÃO VAZ

Quinzenário católico e regionalista

Redacção e Administração, interinas - Residência Paroquial - Melgaço  
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada - Braga  
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor  
CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL: 20\$00

ANO - XIV - N.º 230

Melgaço, 1 de Abril de 1961

## As relíquias do Santo Condestável chegam a Melgaço na próxima terça-feira



Beato Nuno, cujas relíquias chegam no dia 4, terça-feira, a esta Vila

### PROGRAMA DAS FESTAS

As 17,30 do próximo dia quatro de Abril, recepção das venerandas relíquias do Santo Condestável em Penso, iniciando-se o cortejo em direcção à vila de Melgaço, com todos os carros do concelho. No Largo Hermenegildo Solheiro, frente à Câmara, concentração de todo o povo, com as Autoridades, forças armadas do concelho, organizações cívicas e religiosas. Saudação pelo muito digno Presidente da Câmara, sr. Professor Manuel José Rodrigues e dali para o recinto interior do Castelo, onde será celebrada missa campal, a pedir a canonização do Beato Nuno, bem como a paz para o nosso país, agora tão ameaçado. Despedida e Adeus.

## Pelo Grémio da Lavoura

Foi apresentado ao público de Melgaço o novo tractor, para lavar, recentemente adquirido pela Direcção da Lavoura o qual certamente virá a beneficiar muito os nossos lavradores.

O seu custo andou à volta de 80.000\$00 e o aluguer, por hora, deve ser de uns 50\$00 a 60\$00.

Também pelo mesmo Grémio é comprado aos lavradores o milho da produção deste ano que se tivesse estragado, medida esta que muito vem beneficiar os nossos produtores de milho.

Pela Direcção do mesmo Grémio foi-nos oferecido um exemplar do relatório, balanço e contas daquela organização agrícola.

## HERÓI E SANTO

Melgacenses, chegam no próximo dia 4 a Melgaço as relíquias do Santo Condestável, Nun'Alvares Pereira.

Que se despovoem as nossas aldeias para aclamar o defensor e salvador da Pátria, e para venerar as suas relíquias.

A hora que vivemos exige Heróis, para lutar, Santos, para rezar.

Nun'Alvares lutou contra os inimigos da Pátria, rezou pela salvação da Pátria. E Portugal salvou-se.

Há mães e pais melgacenses, cujos filhos partiram para o Ultramar português. Terra nossa, exige sangue nobre para sua defesa.

Venham, os Pais e as mães melgacenses, de todo o Concelho, implorar do Santo Condestável bênçãos para a Pátria, protecção para os seus filhos, cuja maior glória será a de regressarem aos seus lares também heróis e santos.

Melgacenses, todos à Vila a aclamar o Condestável.

## «Ainda a questão do Posto Escolar de Cavaleiro-Alv o

Por absoluta falta de espaço não publicamos o artigo do título supra, de José Cândido Marques

Fá-lo-emos no próximo número.

Também não publicamos a secção do Grilo.

## Sociedade

### Aniversários

FAZEM ANOS:— Hoje, as sras. D. Izaura Gomes de Sousa, prof.a D. Maria Cândida da Cunha Esteves e D. Maria dos Ramos Gomes de Sousa, e a menin.ª Rosa Maria Gonçalves; amanhã a menin.ª Maria Au;

(Continua na 3.ª pág.)

## Notável Sessão de Cultura religiosa

Como havíamos noticiado realizou-se no dia 27 uma Sessão de Cultura Religiosa, no Salão Pelicano.

Presidiu o Sr. Presidente da Câmara, e o rev.do padre Albertino Pereira apresentou os oradores, que foram os srs. dr. Miguel Machado, professor universitário, e padre Miguel Selis.

O primeiro, que é filho do antigo Presidente da República, dr. Bernardino Machado, falou maravilhosamente, como um convertido, de "A Eucaristia e o homem" e o segundo de "Deus e o homem".

Os assuntos foram tratados com grande inteligência, os conferentes disseram-os com primor.

Que faltou, pois, para a sessão de Cultura Religiosa ter sido muito grande? Faltou uma coisa, apenas: que o Salão Pelicano estivesse literalmente cheio.

E o facto é eloquente, até porque do que se precisa hoje é duma vida de fé intensa e duma profunda cultura religiosa.

## Dr. José Sarmento

Para Rio Maior, onde foi colocado como Delegado do Ministério Público, partiu há dias, o nosso ilustre Amigo, Sr. Dr. José Sarmento da Silva Reis, que entre nós exerceu, com muita distinção, as mesmas funções.

Saudamos o querido Amigo, por ver realizados os seus desejos e não esquecermos a amizade sincera que dedicava à nossa terra, onde deixa muitas simpatias.

Que seja muito feliz e que ainda, um dia, possa voltar para junto de nós.

## Por alma de Nascimento Costa

A União Nacional Concelhia mandou celebrar uma missa por alma de Nascimento Costa, brutalmente assassinado no assalto de Henrique Galvão ao "Santa Maria". A missa assistiram numerosos melgacenses.

## Por Terras de França

Pouco tempo destinei a Madrid. Só o indispensável, para comprar o bilhete de turismo, que ali se consegue em muito boas condições, visita a um convento de religiosas onde uma santa reza todos os dias por este pobre sacerdote, a quem serve de Madrinha espiritual e um breve descanso. No dia seguinte, dez de Agosto, fui até ao aeroporto de Barajas e tomei o avião para Barcelona, já que tinha muita pressa de chegar à fronteira, pelos lados de Cerbère e dali se-

(Continua na 2.ª página)

## « A VOZ DE MELGAÇO »

Desaja a todos os seus assinantes e anunciantes uma Páscoa feliz.



# Da Vila

Março, 25.

ECCE ITERUM CRISPINUS...

Por motivo de força maior, não pudemos marcar a nossa presença aqui, na quinzena transacta; mas, cessado o mal que no-lo impediu, cá estamos hoje para dizer que mais uma vez nos foi pedido para chamarmos a atenção de quem de direito para o estado, cada vez mais deplorável, em que se encontra aquela malfadada rua de Baixo, o que não fazemos, pois sabendo-se que o arranjo da mesma artéria é uma das maiores aspirações da Ex.ma Câmara — que se ainda o não fez isso se deve à penúria de cabedal com que o erário municipal continua a debater-se, que não o desleixo nem a incuria — isso seria sadismo ou impertinência. Descansem, porém, os interessados que o problema não está esquecido, pelo que na primeira oportunidade deve ser resolvido. Simplesmente é preciso ter paciência e... dar tempo ao tempo.

Agora sim; agora o que mais uma vez não deixaremos de lembrar à Ex.ma Câmara é que aqueles trabalhos se façam em condições e não a la diable; queremos dizer: que se façam a paralelos (que ali também é Vila...) e não calçada à portuguesa. O orçamento não comporta a despesa na primeira das modalidades?... Nesse caso faça-se só metade ou apenas um terço da obra em cada ano económico, pois as coisas ou se fazem ou se não fazem; mas a fazerem-se devem ser sempre feitas nas devidas condições.

Crispino

**Desastre de viação** — Quando, no pretérito dia 15, o sr. Adriano Alves, solteiro, comerciante, de 23 anos, filho da sra. D. Isabel Rodrigues Alves e do saudoso sr. Manuel António Alves, do Fecho, conduzia um automóvel pela estrada que desta Vila vai para S. Gregório, ao chegar à Orada, por motivos que desconhecemos, embateu violentamente contra os marcos que marginam a estrada e precipitou-se dum altura de cerca de 4 metros num campo, ficando o automóvel de rodas para o ar, completamente inutilizado e o seu condutor gravemente ferido com fratura de várias costelas, contusões pelo corpo e lesões internas.

Presenciado o desastre por vários populares, estes acorreram, retiraram o sinistrado da sua difícil posição e transportaram-no ao Hospital da Misericórdia, onde lhe foram prestados os primeiros socorros, após o que, no dia 17, transitou para um dos hospitais do Porto, por o seu estado, se bem que não seja desesperado, ser melindroso.

Desajamos-lhe prontas e completas melhoras.

**Hora legal** — O leitor amigo que gosta de andar com o passo acertado, não se esqueça de, no dia 2 de Abril, adiantar o seu relógio de 60 minutos, entrando assim na chamada "Hora de Verão", que tem início naquele dia.

**O tempo e a agricultura** — A parte a rega que S. José nos enviou e os três ou quatro dias de frio que a acompanharam, desde 3 de Fevereiro que tem feito um verdadeiro tempo de verão, pelo que talvez não andasse mal quem antecipe as suas sementeiras duns quinze dias, pois o ano está adiantadíssimo.

Entretanto, aos interessados, lembramos que em Abril podem semear: — abóboras, agriões, alpo, alfices, alho-porro, beringelas, betarrabas (todas), cenouras, coentros, couves diversas (especialmente couve-flor), ervilhas, espinafres, feijões, linho, melancias, melões, mostarda, pepinos, pimentões, rabanetes, salsa, tomates, etc.

Continua a plantação de batatas; tosquia-se o gado lanígero; ultimam-se as enxertias, as plantações de videiras e árvores de toda a espécie; vão-se já preparando os pulverizadores e enxofreadeiras, e nas terras de sequeiro fazem-se as sementeiras de milho e feijão.

As águas que no verão hão-de regar, de Abril hão-de fiocar.

## Rouças, 27

No lugar da Eira, faleceu ontem o sr. José Esteves, solteiro, tio do seminarista, António Esteves, aluno do 3.º ano de Filosofia do Seminário de Braga. O seu fu-

(Continua na 4.ª página)

## Estão à venda os seguintes prédios

### 1.º Grupo

#### CONCELHO DE ARCOS DE VALDEVEZ

Prédios situados nas Freguesias de Vila Fonche, Rio Frio e Parada.

1.º) GLEBA DE MATO no monte da Tomada, em Tourim, formada pelos prédios, descritos no Registo Predial sob os números 48.967, 48.376 e 58.377 e inscrita na Matriz no artigo rústico 286, situada na Freguesia de Vila Fonche.

2.º) GLEBA DE MATO no monte da Tomada, formada pelos prédios descritos no Registo Predial sob os números 47.445 e 48.700 e inscrita na Matriz no artigo rústico 291, situada na Freguesia de Vila Fonche.

3.º) GLEBA DE MATO no monte da Tomada, formada pelos prédios descritos no Registo Predial sob os números 48.956 e 49.394 e inscrita na Matriz no artigo rústico 299, situada na Freguesia de Vila Fonche.

4.º) GLEBA DE MATO no monte dos Cancelos, em Tourim, a confrontar do nascente com Miguel Silveira, poente com Maria Rodrigues e outros, do norte com Caminho e do sul com José Pinto, inscrita na Matriz no artigo 246, situada na Freguesia de Vila Fonche.

5.º) TOJEIRA DOS CHARRAIS ou da Costa de José Maria, no lugar de Cachamandinho, descrito no Registo Predial sob o número 40.684 e na Matriz no artigo rústico 4.211, situada na Freguesia de Rio Frio.

6.º) CAMPO DA ERVOSA, terreno de cultivo com ribada de mato, no lugar do Ribeirão, a confrontar do poente com a estrada e dos outros lados com ribeiro, descrito no Registo Predial sob o número 393, compreendendo também o prédio descrito no mesmo Registo sob o número 39.755 e inscrito na Matriz no artigo 25, situado na Freguesia de Parada.

7.º) FORMAL DE MATO, na Chã de Campelo, em Tourim, a confrontar do norte com bens da Junta de Freguesia e dos lados com o Doutor António Cândido Marques da Silva Dias, descrito no Registo Predial sob o número 386 e inscrito na Matriz no artigo rústico 105, situada na Freguesia de Vila Fonche.

(Continua)

## Por Terras de França

(Continuação da 1.ª página)

quir para Marselha e os Alpes. A minha demora em Barcelona, também foi a de umas escassas horas, em que esperei pelo rápido que depressa me levaria à fronteira.

Não eramos muitos os que então viajavamos, mas sempre fomos entretendo conversa, para sabermos do nível de vida do povo de Barcelona e seus termos, terra industrializada próxima da França.

A certa altura, falamos da guerra civil por aqueles lados. Os mesmos horrores: — Um Sr. Bispo que escapou à fúria dos vermelhos, porque um ministro do Governo Catalão, seu antigo aluno, o mandou buscar, às escondidas, e o fez passar para terra segura; a narrativa de quadros horrosos como o daquelas freiras que foram desenterradas e colocadas junto de um muro, para que todos as vissem.

Enfim, quadros horrosos da guerra civil de Espanha, que bem podem ser os de Portugal, se um dia as mesmas ideologias se introduzirem entre nós. Ai estão os mártires da Hungria, do Tibet e de tantas outras terras.

E estávamos na fronteira. Uma linda igreja a de Port Bou. E a França, novamente...

As 16,40 em Cerbère. Na Alfanedga, não quiseram ver nada do que se levava e pouco era afinal. Partimos, eram 19,50.

Ao longo do caminho de ferro e do mar, muito campismo, barracas multicolores, que davam aos recintos, um aspecto agradabilíssimo e uma desenfreada exposição de nudismo, entre rapazes e raparigas.

Uma noite de vigília a pé, no comboio. Horas e horas seguidas, sem poder descansar, nem dormir um pouco, sempre a pé...

Foi assim que comecei o meu caminho por terras de França, levantando o meu pensamento a Deus e oferecendo o sacrifício que era muito grande, para que Ele me ajudasse a levar a bom termo esta jornada que tanto me iria custar e que afinal tantos benefícios me trouxe.

Não fui capaz de encontrar lugar nos hotéis de Nims. Na estação, esperei, rezei e descansei um quase nada.

Tomei o comboio para Clermont Ferrand, desistindo de ir a Marselha e aos Alpes, pois eu estava a começar a minha viagem e já levava alguns dias de caminhada.

Tomei pois o comboio para Clermont, ansioso, como estava, por visitar os rapazes daquela cidade, sobretudo os meus paroquianos de Loviô que ali trabalhavam e alguns deles já com casa.

A viagem foi longa, subi montes acima, ao lado de frondosos soutos (como lembrei os da minha terra já ceifados pela morte...) e campos de feno, muitos campos, onde a velha foicinha, tão pequenina e, por vezes, tão incómoda, era agitada por mãos ágeis. Muitas terras de pasto, poucas máquinas, uma linda vegetação. E sabido que em França a população, como aqui, deixa as terras de cultivo e segue para as cidades. O mal vai por toda a parte...

Cheguei a Clermont pelas 13,55. Eu ia já a pensar no Manuel Esteves, e na sua família, eu que anos antes o casara numa igreja sobranceira à cidade! Que andaria ele a fazer por aquelas horas?

Mas queria fazer-lhe uma surpresa. Chegar de repente, à noite, sem ele contar, tal como eles fazem muitas vezes, quando por aqui vêm de visita aos seus. Ainda me lembro de como um primo meu, hoje professor, chegou noite alta à nossa velha casa da Adedela, tão cheia de recordações, e bateu...

— Abram, abram, pelo amor de Deus. É um pobre-zinho que vem pedir esmola... Abram...

Quando meu saudoso pai chegou à porta, deu com o sobrinho, que propositadamente chegava aquela hora...

Fui à Catedral, subi à torre altíssima, a contemplar o horizonte, desci, passei por algumas ruas; vi a sede do partido Comunista, esse partido estrangeiro, em todas as Pátrias, à excepção da Rússia, que em todas elas luta pela morte de Deus. Ao lado, escritas na parede, as palavras: BUDAPEST. Ainda no muro: ASSASSINO. Budapest! Creio que eram palavras dirigidas a Kruschev.

(Continua na 3.ª página)



**Prado, 26**

ENQUANTO É TEMPO...

Como já se disse, os baldios das freguesias de Prado, Vila e Remoães, vão entrar em regime florestal, o que — como também já se disse — já devia ter sido feito há mais duma boa dúzia de anos, pois se assim tivesse sido os respectivos povos estariam hoje a usufruir as suas velhas regalias no tocante a maços e pastagens.

Sou dos poucos que louvam e apoiam estas medidas, cujo alcance económico não de ver e apreciar os que viverem lá para o ano de 1980...

Repito: sou dos poucos que louvam e apoiam estas medidas, mas pergunto:

Que espécie de árvores irão os Serviços Florestais ali plantar...?

Naturalmente pinheiros... o que será por assim dizer um crime de lesa-economia, porquanto aquele vasto logradouro está a pedir laranjeiras no vale do Arrochal e Mourantão; amendoeiras na encosta entre a presa de Fontenas e o rio Minho, e oliveiras em toda a parte restante. Isto sim; isto é que seria uma fonte de riqueza perene e incalculável, uma fonte de riqueza que nenhum engenheiro-agrônomo — por muito sabido que seja — é capaz de me convencer do contrário.

Pois então ele há necessidade de se consumir em Melgaço exclusivamente e mais caro do que em qualquer outro ponto do País azeite pseudo "Extra" (só deste tipo, que quando os mixordeiros queiram... é óleo de mendovi puro e simples) quando muito bem — como em tempos idos — nos podíamos remediar com a prata da casa?...

Pelo amor de Deus, Senhores, plantem ali oliveiras, pois o contrário é tolice — tolice cúbica — e crassa.

P. S. — Já depois de ter escrito este artigo, fui informado que os Serviços Florestais pretendem plantar naquele monte castanheiros, árvores que, quer pela madeira, quer pelos frutos, é muito boa também e de grande rendimento; mas oliveiras... sempre dão azeitinho, preciosíssimo óleo que em Portugal, cada vez mais, vai escasseando.

Com curta demora, esteve entre nós o nosso respeitável amigo sr. Ladislau de Barros Pinheiro, benquisto comerciante em Lisboa.

Também chegadas da mesma cidade, estão aqui as irmãs sr.as Puritya Carolina Camanho de Carvalho e Flaviana dos Anjos Soares Moreira e o sobrinho de ambas António Bernardino Camanho de Carvalho.

— E, neste momento, com grande concurso e luzimento, acaba de realizar-se da capela de Santo Amaro para a igreja paroquial a procissão dos Ramos, com o que... me cai agora da pena um ponto final. — (C).

**Por Terras de França**

(Continuação da 2.ª página)

E eram horas de tomar a camioneta e partir para a casa do Manuel Esteves, de Loviô. Seis horas! E o que me havia de suceder... Subi, subi. Tive de ir a pé na camioneta, a gente com pena de eu ser tão magro e transpirar tanto... E subimos mais, mais, quando me parece que era tempo de descer.

Chamei a atenção do condutor. — Que não, ainda não era ali, que me avisariam... E andamos, andamos mas, mas o meu coração ficava ali e vai senão quando, chegamos a uma outra terra, já bem distante.

— Pode descer agora.

Atalhei que não era ali a terra que procurava.

— Sacudiram os ombros. Era já quase noite e eu sozinho numa serra. Vou ao café próximo. Pedi que telefonassem para a casa da família do Esteves. Aflição, ouvia todas as sugestões, enquanto ligavam o telefone: — que podia ir a pé, que não havia carro, e chovia e era noite...

Da casa da família do Esteves atendem. A Senhora do café começa então o diálogo:

Oiça, não está por aí o sr. Manuel Esteves, português?

E' que está aqui (hó! mas não se riam...), é que está aqui um obreiro, para a pedreira do sogro do Manuel.

Mas nós não chamamos ninguém de Portugal para a pedreira...

— Mas ele está aqui; ele é da terra do Esteves e vem trabalhar para a vossa pedreira...

Venham-no buscar.

— Impossível! O sogro do Esteves foi à pesca e ainda não chegou.

Eu não lhes digo nada! No alto dum monte, entre desconhecidos, sem carros, sem carreiras, aquela hora, sem motos que me levassem... — Protestei que era padre!

Surgiu uma ideia: é verdade, o sr. Abade daqui tem carro, mora perto e é capaz de o levar a casa do seu amigo Esteves.

Fui procurar o Sr. Abade que já estava recolhido. Foi preciso bater com força à porta, até que lá apareceu...

Enfim, podia descansar um pouco de todos aqueles sustos no Puy de Dome.

Mas aprendi a lição. Para que esperara eu tanto tempo na cidade?

**Sociedade**

(Continuação da 1.ª pag.)

gusta Lourenço; no dia 3 o sr. Manuel Bernardo de Araújo; no dia 4 a menina Maria Afra de Jesus (Sopros); no dia 5 o sr. Gaspar Magno Pereira de Castro e os jovens António da Assunção Dantas da Costa Afonso e Manuel Augusto Gomes de Sousa; no dia 6 a sr.a D. Maria Rosa Cortes Lopes; no dia 7 o sr. Armando Henrique Gomes de Sousa; no dia 8 a sr.a D. Bonança Delvina Gomes Calheiros de Sousa; no dia 9 a sr.a D. Maria Laura Peres Dias e os sr.s Abel Francisco Pereira e arquitecto Luís Manuel de Magalhães Fernandes Pinto; no dia 10 a menina Maria Alice de Lima; no dia 11 os sr.s Eduardo Henrique e Pinto Ribeiro e Jaime Maker Gonçalves e a menina Maria de Nazaré Rodrigues de Araújo; e no dia 14 a sr.a D. Clea Domingues Cordovil e os sr.s Gilberto António Cardoso, prof. Manuel Augusto Vaz e Manuel Inácio Durães.

**NOVOS DIACONOS** — No pretérito dia 18, S. Ex.ª Rev.ª o Senhor Arcebispo Primaz, conferiu o cargo de diaconado aos nossos amigos e confrades rever.ªs José Cândido Marques e Justino Afonso, aos quais apresentamos as nossas calorosas felicitações.

**Parada do Monte, 26**

**NASCIMENTOS** — No dia 20 deu à luz uma criança do sexo feminino a sr.a Maria Afonso, esposa do sr. Manuel de Barros, da A. Grande. Também deu à luz outra menina a sr.a Maria (Esteves), esposa do sr. Abílio Domingues, do mesmo lugar.

Também deu à luz uma menina a sr.a Belarmina Pires, esposa do sr. Armando Pires, do lugar do Peneiral.

**CONFESSÃO QUARESIMAL** — Foi no dia 13 que

(Continua na 4.ª pag.)

**MAGNÍFICA QUINTA**

VENDE-SE, DENTRO DA CIDADE DE BRAGA (A 900 METROS DA ESTACAO DA C. P.), DA TRINTA PIPAS DE VINHO (PREPARADA PARA DAR MAIS) E OITO A NOVE CARROS DE PAO. MONTE DE MATO LIGADO. TODA MURADA DE NOVO. ELECTRICIDADE. AGUA ABUNDANTISSIMA. GRANDE ADEGA, CASCARIA DA MELHOR, CORTES, COBERTOS, CASA DE CASEIRO E SENHORIA (ESTA, CONSTRUÇÃO ANTIGA), FRUTEIRAS PLANTADAS RECENTEMENTE. MEIA PIPA DE AZEITE. CASTANHEIROS, ETC.

INFORMAÇÕES COM O DIRECTOR DO NOSSO JORNAL.

**AS MAIS SELECIONADAS ARVORES DE FRUTO**

As melhores sementes de flores e de horta.

As mais lindas ROSAS premiadas em concursos internacionais.

Camélias, arbustos, arvores, bolbos, insecticidas, fungicidas. Construção de jardins, parques e pomares.

**ALFREDO MOREIRA DA SILVA & F.ªs L.ªda**  
Telefone 21957

Rua D. Manuel II, N.º 55  
**PORTO**  
Teleg. Roselandia — Porto

**Pinto de Magalhães, L.da****BANQUEIROS****CAPITAL E RESERVAS: Setenta e cinco milhões de escudos**

PORTO — Rua Sá da Bandeira, 53 — Telef. 20133 (P. P. C.) 7 linhas  
LISEOA Rua do Curo, 95 — Telef. 36606 (P. P. C.) 5 linhas  
AMARANTE \* ARCOS DE VALDEVEZ \* PENICHE \* ELVAS \* VILA DA FEIRA \* FATIMA

CORRESPONDENTE NO RIO DE JANEIRO

Pinto de Magalhães, L.da — Rua do Ouvidor, 86

Faça render as suas economias depositando-as em

**Pinto de Magalhães, L. da****BANQUEIROS****Todas as Operações Bancárias**



## GENTE E COISAS

DE

## «O MEU FICHEIRO»

ESTAVA ESCRITO...

Porque a hora que passa não é própria para bizantismos, mas para a união de todos os portugueses quaisquer que sejam as suas crenças e opiniões—excepto os comunistas e quejandos...—não vou por isso atacar nem tão pouco estabelecer polémica com o sr. «X», pois nunca gostei de me esgrimir contra fantasmas invisíveis.

Como, porém, o estilo é o homem... pela aragem, eu já vi quem ia na carruagem, pelo que é ao sr. dr. Augusto Esteves—e tão somente a ele—que eu vou dedicar esta prosa; mas, antes de passar além, quero já, pública e desasombadamente, pedir desculpa—muita desculpa—ao mesmo Senhor por algures ter contraditado a sua descrição heráldica das armas dos Barros, no passo acompanhadas—carregadas.

Servi-me de informação que estava errada, pois quem fez o favor de me fornecer—aliás pessoa séria e honesta, e entendidíssima nestes e noutros assuntos—num momento de distração, escreveu carregadas por acompanhadas. Mas seja, porém, como for:—Confessar seus erros é apanágio das pessoas educadas e bem intencionadas; daí... esta mea culpa.

Ora é feio, é deselegante, não é bonito e é condenável, com único fito de lançar areia nos olhos dos leitores incautos, falsear textos, pois o sr. dr. Augusto, em *Melgaço e as Lutas Civis*, não escreveu:—«de vermelho, três bandas de prata acompanhadas de nove estrelas de nove pontas de ouro—1-3-3-2», mas sim:—«de vermelho, três bandas de prata, acompanhadas de nove estrelas, (virgula) de seis pontas de ouro—1-3-3-2», o que é algo diferente...

Há só uma virgulazinha de diferença...?—Certo; mas isso na sintaxe tem grande influência e muito maior a tem na heráldica. E senão vejamos só os dois exemplos seguintes:

1.º—O sr. dr. Augusto disse, o Mário é casmurro;

2.º—O sr. dr. Augusto, disse o Mário, é casmurro.

Anh! que tal...!

E que no primeiro caso o casmurro sou eu e no segundo quem tem essa honra é ele...

Por isso—pela última vez o repito—aquela endebrada virgulazinha... continua ali a significar que só as pontas das estrelas são de ouro.

Mas eu sei; eu sei que o sr. dr. Augusto limitou-se a topiar o assunto na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, semeou-lhe mais uma virgulazinha:

«As armas dos Barros são: de vermelho, três bandas de prata, acompanhadas de nove estrelas de seis pontas de ouro, 1-3-3-2. Timbre: aspa de vermelho, carregada de cinco estrelas». E tal não é verdade.

—O quê, não acredita?!...

Pois então pegue mais uma vez no *Armorial Português*, de Santos Ferreira, e veja ali se este Mestre descreve ou não o Brasão N.º 198—Barros—mais ou menos assim:—de vermelho, com três bandas de prata, acompanhadas de nove estrelas de ouro, de seis pontas, postas—1-3-3 e 2. Timbre: um bastão de vermelho e outro de azul, passados em aspa, carregados de cinco estrelas do escudo. E assim é que está certo; ou então... os Mestres já o não são.

«De vermelho, três bandas de prata»... não significa coisa alguma; «nove estrelas de seis pontas de ouro—1-3-3 e 2...» significa outro tanto, e «aspa de vermelho, carregada de cinco estrelas», sem mais dizeres, ainda significa menos que nada, porquanto assim forçosamente havemos de entender terem as mesmas estrelas apenas cinco pontas, já que estas são as únicas que não carecem de indicação de número de raios; também o esmalte das ditas estrelas ficou no tinteiro, e em heráldica estas coisas são inadmissíveis.

Finalizando. Não está, pois, «impeccavelmente descrito o escudo das armas dos Barros» em *Melgaço e as Lutas Civis*; e não está porque o sr. dr. Augusto tendo bebido a sua prosa na fonte da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*—aliás uma obra monumental—meteu água, mesmo muita água. Estava escrito...

Mário

## De Remoães

Março, 24

Foi ontem aqui a enterrear a sra. Claudina da Glória Esteves, casada com o sr. Albino Domingues, falecida na véspera no lugar da Folia, cujo funeral, que teve officio de corpo-presente, foi largamente concorrido, vendo-se no préstito várias coroas e tendo sido organizados pelo pe. curso vários turnos, pois a mesma era muito estimada.

Paz à alma da chorada extinta, e a toda a família enlutada após tantos sentidos pêsames. — C.

## Penso, 27

Está próximo o dia de Páscoa: — E' Primavera. Flores mimosas por todos os cantos!

No dia 24 seguiu para o Porto, para dar entrada no hospital a sra. Maria Alves, esposa do sr. Anibal Afonso. Vai fazer uma operação grave.

A seu pedido, o nosso amigo Almeida passou a fazer serviço de distribuição de correspondência na freguesia de Padome, deixando-nos saudades. Que seja sempre feliz e quanto lhe derja o correspondente deste quinzenário «A Voz de Melgaço».

Com destino ao Canadá seguiu o nosso amigo António de Castro, possuidor da padaria desta freguesia. Cau sou espanto a toda a gente pois aqui fazia muito bom negócio. — C.

## Parada do Monte

(Continuação da página 3)

se realizou nesta freguesia o confesso. Atendendo a que esta freguesia é profundamente católica mais uma vez demonstrou a sua fé, labutando-se da sagrada mesa a totalidade do povo desta freguesia.

O TEMPO E A AGRICULTURA — Após dois dias de chuva e frio voltou o calor. Este ano sempre entrou a primavera com o bom tempo. Pois há muitos anos que não entrava uma primavera como esta. As árvores de fruto estão purgando, nas videiras já está o vinho quase todo nascido e uma nasença abundante. Agora Deus queira que não venha o contrário para termos um ano de vinho como no ano transacto. Também se está a ultimar a sementeira das batatas, e já se estão a tirar os estrumes para os campos. — C.

## Por Santa Rita, 27

Graças a Deus! As obras sempre vão começar a muito em breve. Como nós estávamos ansiosos por que elas começassem. O nosso povo gosta de ver obras, trabalho. Com ele se vai animando e as ofertas são mais volumosas. Pois é verdade, as obras irão começar em breve, se Deus nos ajudar.

Já aqui esteve o gerente da Casa Barreto, de Braga, para ultimar os seus trabalhos, a fim de cobrir e fechar a casa da mesa. Os tralhas também já andam por perto e os pedreiros estão a ultimar os seus trabalhos de casa, nas vinhas e nos campos, para aqui aparecerem com a sua boa vontade e respectivas facturas... Ora isto é que vai ser um problema: pedreiros, carpinteiros, tralhas, etc., etc., e as respectivas facturas...

Aqueles que estão de fora, acharão isto muito bonito, queremos dizer, fazer mais umas obras, andar um pouco mais depressa...mas o pior são as contas. Isto é um pesadelo muito grande. Mas havemos de ir seguindo como até aqui.

Os romeiros, de perto e de longe, continuam a vir e sempre com o melhor dos entusiasmos.

As ofertas são como segue:

Do sr. Manuel Augusto Domingues, do Convento, Fíes, 50\$00; do menino Silvestre Gomes, com prenda do seu casamento, do Barral, S. Paio, mais 20\$00; do nosso bom Amigo Orlando José Alves, de Chaviães, um grande benfeitor desta obra, que há pouco regressou do Canadá, mais 500\$00; da sra. D. Rita Emilia, de Remoães, 1 dolar; do sr. Anibal Meleiro, que sempre reparte com Santa Rita, quando chega de França à sua terra, mais 10\$00; do nosso tesoureiro, mais 489\$80; por intermédio da Sra. Maria Fernandes, da Igreja, de Rouças, 2\$00; do sr. António Esteves Fernandes, de Gondufe, nas vésperas da sua partida para a França, 40\$00; de uma senhora anónima de Chaviães, 5\$00; do nosso bom amigo, Anselmo Esteves, dos Carvalhos, mandados lá de França, mais 100\$00; da sra. Teresa Táboas, do Ameal, 30\$00; do sr. António Augusto Costa, do Ameal, actualmente em França, 500\$00 (eu não dizia que Santa Rita tem muitos amigos em França!... Ah! se eles pudessem mais... E, graças a Deus! Até à próxima.

## Rouças

(Continuação da 2.ª página)

neral realizar-se-á amanhã. A toda a familia, os nossos sentidos pêsames.

—Para o Brasil, partiu há dias, a juntar-se a seus irmãos, o menino Gervásio Baleixo, de Surribas. Agradecemos a sua visita de despedida.

—Começaram as lavradas nesta freguesia.

Foi há dias, baptizado nesta freguesia o menino Luís Filipe, filho do nosso estimado amigo sr. António de Araújo e de sua esposa, sra. Emezinda de Jesus Esteves, do lugar de Cavaleiros. Foram padrinhos os sr.s José Albino e sua Filha, D. Maria Fernandes, digna Professora em Lamas do Moura.

—E no dia um do corrente, uma filhinha do nosso bom Amigo, José Manuel Marques e de sua Esposa, Sara Domingues, da Eira. Foram padrinhos o sr. Manuel Marques e sua mãe, Maria Pinheiro, do Sobral. Aos neo-cristãos, o nosso desejo de muitas venturas.

—Cumprimentamos nesta freguesia o nosso bom Amigo, José Augusto Alves, da Guarda-Fiscal, que veio recentemente do Algarve, para Aveiro, e ali conseguiu fazer o 2.º ano do Liceu.

Temos notícias da chegada ao Brasil do nosso bom Amigo, sr. Teodóricio Fernandes, de Corções, que ali passará uma temporada, com a sua familia.

—Está muito doente a sra. Rita, da Vinha de Cima, que, ainda há poucos anos, cheia de vida ia tantos domingos, para Castro Laboreiro levar fruta, para venda. Ali era muito estimada, bem como nesta freguesia. Desejamos-lhe rápidas melhoras.

—Também tem estado muito doente a sra. Angelina Aires, da Costinha, bem como a sua irmã, Estefânia, que retirou alguns dias, para Lisboa.

—Vinda do Brasil, chegou a Paçã a sra. D. Deolinda Alves.

—Há dias, declarou-se um princípio de incêndio na casa do sr. Hipólito, da Picota.



# a VOZ de MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Redactor e Administrador:  
JÚLIO HILARIÃO VAZ

Redacção e Administração, interinas — Residência Paroquial — Melgaço  
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga  
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor  
CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL: 20\$00

ANO — XIV — No 231

Melgaço, 15 de Abril de 1961

## LOUCURAS...

Que se fez nesta semana no lugar de Soutomendo, da freguesia de Fiães?

Não terá sido isto um escândalo e a vergonha da nossa terra? Não deveriam conter-se nesta hora em que numa parcela do território português corre sangue de heróis que tombam ao serviço da Pátria?

— É preciso mobilizar todo o povo a contribuir com generosidade para a construção de um novo hospital e é a custo que a certas pessoas se arrancam uns míseros escudos. Para um acto como aquele a que se faz referência não falta quem ofereça milhares e milhares de escudos e esteja disposto a desfazer-se dos poucos bens que possui, se tanto for necessário (pelo menos assim o dizem!). Para a festividade em honra de N. Sr. do Socorro, titular da capela que têm no meio do povoado, alguns anos não tem havido dinheiro (!), para realizar obras de carácter paroquial... acaba-se a generosidade.

Pedisse a Ex.ª Câmara a essa gente tantas dezenas de contos, como gastaram em vão nestes dias, para ajudar a fazer face à comparticipação que o Estado lhes dá para a estrada que tão ardentemente desejam e já não haveria boas vontades. Fizesse a Junta da freguesia um apelo para se arranjam tantos contos como estragaram, para construir fontanários, proceder a exploração de águas, arranjos de caminhos, etc. etc. e mais uma vez não haveria boas vontades.

Já que falei em caminhos, tomem nota. Há tempos, a Câmara Municipal deu 1.000\$00 para melhoramentos no caminho do Rossaio, que estava intransitável. Esta verba não chegava. Mas pensam que eles contribuíram para realizar tal obra?

Ainda está na mesma, mais exacto, está um pouco pior. E são capazes de se queixar de que a Câmara não auxilia!

Só mais esta, de entre muitas: para tal desperdício não faltou quem fosse pedir dinheiro emprestado! Não é boato, não; sei-o de fonte segura. — J. M.

## GRI... GRI... GRI

SEM BOA VONTADE, NADA

A boa vontade é o primeiro passo para qualquer empreendimento.

Toda a gente de Paços sabe o mísero estado em que se encontrava o caminho do Barreiro onde as obras de reparação já estavam projectadas há coisa de 40 anos, mas o tempo foi correndo e as pedras tombando para o rio, de forma que é fácil calcular o seu estado.

Nun dia encontraram-se no mesmo local 3 amigos, e, após um dizer: em que mísero estado se encontra este caminho!... dizem os outros ao mesmo tempo: vamos à obra?

Não se falou mais no assunto naquele dia.

No domingo imediato batemos à porta do Sr. Presidente da Junta de Freguesia, que nos recebeu amavelmente e fez favor de nos entregar para aquele fim 300\$00.

Seguidamente fomos, de porta em porta, e, em todos encontramos boas vontades, sendo dignos de menção: Alzira de Azere e Angelina de Beleco, entrando cada uma com 100\$00, Camilo Fernandes e Júlio Bailão que andaram bastantes dias a trabalhar gratuitamente e José Pires de Sá que pôs à nossa disposição o carro e uma vaca.

(Continua na 3.ª página)

## O Posto Escolar de Cavaleiro-Alvo

### Ainda a questão do Posto Escolar de Cavaleiro-Alvo

Na minha local de 1-3-61 eu chamava a atenção das entidades escolares para o Núcleo de Cavaleiro-Alvo, agora particularmente ameaçado. Queria dizer, sobretudo, e digo ainda, que de alguma maneira se pense em desfazer um núcleo que é de utilidade pública. A minha opinião pode parecer suspeita, mas não deve andar muito longe da verdade, e a prova está o juízo das autoridades escolares, que, se não coincidem se com o meu, já não o houveram criado.

Quando escrevi, longe de mim pensar estabelecer disputa com os meus vizinhos. Mas eles não deixaram de observar:

O caminho para Cavaleiro-Alvo é perigosíssimo, «intransponível» mesmo; afinal os de Cavaleiro-Alvo nada têm feito pelo Posto, que tem por baixo da sala de aula um curral de animas. Logo, para as crianças de Loviô, é muito mais fácil frequentar a escola de Rouças.

Quanto às dificuldades do caminho, regalias e contratempos que lhes assistem em frequentarem a escola de Cavaleiro-Alvo ou a de Rouças, o que tenho a dizer já o expus suficientemente a quem de direito. Nada tenho a acrescentar, nem a retirar.

Mas quiseram trazer para as colunas deste jornal afirmações que me parecem — e são na verdade — um exagero, para lhes não chamar uma falsificação da realidade. Pois então vir dizer que quase os únicos transactos entre Loviô e Cavaleiro-Alvo são os lobos. E o respeito pelas pessoas que o calorariam quase todos os dias?

E não são várias as casas de Loviô que têm haveres e os cultivam em Cavaleiro-Alvo? Por onde passam eles? Bem vêem que o lobo não pode ter a primazia. Que ele se tives-

se encontrado uma vez com a filha do Sr. Armando Pires, nada de anormal. Quantas vezes é que ela mesma se não terá encontrado com viajante tão indesejável nos montes de Loviô? E no entanto não me consta que ela e outras como ela tenham deixado de frequentar esses montes e o Posto.

Quanto à queda do Sr. Dr. Abel Augusto Vaz, parece que deve estar bastante mal informado (ou sei eu?) Na verdade, constou por cá que tinha caído uma tarde, não no que eles chamam o primeiro regato, mas no segundo; não à ida para o Posto, mas no regresso da escola da Costa (São Paio); não na «Da Ponte», mas na «Carpida», o que faz bastante diferença; a uma distância razoável para a foz do segundo regato, onde já nada tem que ver uma coisa com a outra. Demais a mais os «corregos» só são intransponíveis na pena de quem tal afirma.

Que já uma vaca havia afogado no segundo regato. As pessoas mais idosas do lugar garantiram-me que isto não é da memória dos vivos. O caso já me parecia pura invenção, quando meu Avô, que já vai para os 83, e que Deus conserve por muitos anos, me informou que, quando rapaz, ouvia contar à Mãe que, em tempos, e em dia de trovada e de uma cheta furiosa, uma vaca tinha sido arrastada pela água, no «Ponte-Ribeito». Mas o que ele me garantiu é que a vaca não se havia servido do pontilhão para fazer a travessia. Para melhor nos convencermos de que isso nada

(Continua na 4.ª pág.)

### FALTA DE ESPAÇO

Por absoluta falta de espaço, não publicamos a secção habitual: «O meu Ficheiro».

### Será justo ?

Loviô é uma aldeia simpática, de gente ordeira e trabalhadora. Terra dos meus maiores, lá nasci e dei os primeiros passos, lá volto sempre que os meus afazeres mo permitem, a mitigar saudades ao doce fogo da sagrada chama familiar.

Desta vez, como sempre, a minha alma já em festa, com os sinos a repicar alegrias. A todos esperava encontrar partilhando da mesma alacridade e não num estado de indignação e tristeza, tristeza que a tristeza para além da Ressurreição.

Esta gente, que sempre tem sabido cumprir e obedecer, alérgica a quaisquer actos de rebeldia, encontrou ainda a força de ânimo suficiente para dizer um «não» que indica que já todos os limites pelo respeito que se lhes devê foram ultrapassados.

No tribunal uma acção corre seus termos. Uma coisa, porém, é certa já: as crianças de Loviô atrasaram mais um ano na sua vida escolar. E este e muitos outros atrasos que o mau funcionamento do posto escolar de Cavaleiro-Alvo tem ocasionado, isto é que ninguém remediará.

Agora Loviô disse «não» recusando-se formal e pe remplicitamente a enviar as crianças ao posto de Cavaleiro-Alvo, a meio do ano escolar, quando elas, com autorização superior, tinham até essa data frequentado a escola oficial da sua freguesia — Rouças.

Esta recusa, note-se, não se deve a uma atitude de desatamento das Leis escolares, nem gesto retrógrado de primitivismo. Todos desejam a instrução e uma instrução sólida e consistente, como a que procuraram os que, como eu e o Sr. P. e José Cândido, pensavam ir além dos bancos da primária.

Não se deve ainda a um gesto de vingança, tão lon-

(Continua na 2.ª pág.)



## Da Vila

### ECCE ITERUM CRISPINUS...

Muito embora o Ex.mo Presidente do nosso Município já tenha falado no assunto, foi com imensa satisfação que nos diários de 26 do mês pretérito lemos a conferência de Imprensa, promovida pelos Serviços de Turismo do Secretariado Nacional de Informação e realizada no Porto, na Delegação deste organismo oficial, onde foi explanado o **Plano de Valorização Turística do Norte do País**, no qual se prevê para breve a construção em Melgaço duma estalagem com 17 quartos — falta que desde há muito tanto se vem fazendo sentir, e por cuja realização tantas vezes aqui nos temos debatido. Ainda bem que a semente por nós lançada não caiu em terreno estéril...

Pois muito bem, muitíssimo bem. Agora, já que a Natureza foi tão pródiga em despejar a sua cornocópia de belezas e encantos por todos estes cantos e recantos, o que é preciso é que todas as pessoas possuidoras de prédios rústicos ou urbanos confinantes com a via pública, auxiliem a mesma Natureza, plantando com profusão e capricho roseiras, glicínias, madre-silvas, ficus-rupeus, bougainvilleas e outras muitas plantas trepadeiras e ornamentais, tornando assim Melgaço ainda mais lindo.

Preciso é também que a «Empresa V.M.P.S.» prescindia um tudo nada dos seus fabulosos **dividendos** e se disponha quanto antes a construir uma piscina com todos os requisitos para bem satisfazer e distrair os numerosos aquistas que demandam as nossas Termas, pois local apropriado para tal não lhe falta, quer no parque, quer por detrás do Pavilhão, no campo das Varzelas, onde a mesma piscina não ficaria mais mal situada, se bem que aqui a urbanização fosse mais dispendiosa. Mas uma empresa que só pense em lucros; e que não concorra com um ceitil para a assistência local... bem pode fazer este sacrifício — se a isto sacrifício se lhe pode chamar.

Crispino

**Vida religiosa** — Com boa assistência de fiéis, realizaram-se, no Sábado Santo, na matriz desta vila, as cerimónias da bênção do Lume, da Água, Profissões, Ladainhas e renovação das promessas do Baptismo, rematando, à meia noite, com a Missa da Aleluia.

— Na segunda-feira, dia 3, teve lugar a costumada Visita Pascal, tendo o nosso Abade sido por toda a parte fidalgamente recebido.

— Na terça-feira, para não quebrar a tradição, toda a Vila se despovoou para Penso, onde foi à clássica romaria da Senhora da Cabeça e onde — já se vê — fez as devidas honras ao respectivo merendeiro. Digno de louvor e de todos os elogios o impecável serviço automóvel que a empresa «Auto Viação Melgaço Lda» estabeleceu daqui para aquela localidade e vice-versa.

— E neste mesmo dia, pelas 18 horas, acompanhadas por Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Bispo Auxiliar e precedidas por um extenso cortejo automóvel, chegaram aqui as reliquias de Frei Nuno de Santa Maria (do século D. Nuno Alvares Pereira) sendo entusiástica e vibrantemente saudadas na Câmara Municipal pelo respectivo Presidente, após o que o cortejo seguiu para a Matriz, onde foi celebrada missa, e não na Torre de Menagem como estava previsto, porque a chuva — aliás tão desejada tal não permitiu.

Conduziu a espada do Herói e Santo o sr. tenente Vasco Machado Ferreira Vilas Boas, muito digno comandante da Secção da G. F. desta localidade e terminada a cerimónia religiosa, as venerandas reliquias seguiram para o vizinho concelho de Monção.

**Pelo rio Minho** — Tem sido abundantíssimo em lampreias este ano o rio Minho. Então na noite de 6 para 7 do corrente parece que todas se combinaram para subir aquele curso de água, tal foi a quantidade destes saborosos ciclóstomos pescados.

Sáveis é que ainda mal se mostraram — também ainda é cedo... — daí os dois ou três que vimos se terem vendido a 14\$00 o quilo.

**Mercado semanal** — No mercado do dia 7 os géneros a seguir indicados tiveram a seguinte cotação:

Milho a 10\$00, o meio decalitro; centeio a 14\$00 idem; feijão branco entre 16 e 18\$00, idem; feijão rajado a 13 e 14\$00, idem; batatas a 1\$20, o quilo; cebolas (muito greladas) a 1\$50, idem; galos, galinhas e frangos desde 30, 25 e 15\$00, cada, respectivamente; ovos a 8\$00, a dúzia; laranjas (boas) a 6\$00, idem; limões (bons) a 12\$00, idem; lampreias entre 20 e 23\$00 cada; ervilhas 6\$00, o quilo; cenouras a 3\$00, idem; repolhos a 4\$00, idem, e por \$50 se compravam dois pés de alface regulares.

**Falecimento** — Com 77 anos, faleceu nesta Vila, no

## Penso, 10

A visita pascal realizada em 2 do corrente fez-se na melhor ordem e paz.

Em 4 fez-se a costumada festa à Nossa Senhora da Cabeça: às 11 horas principiou a Santa Missa; houve sermão, e no fim da missa saiu uma imponente procissão seguindo o itinerário costumeiro até ao cruzeiro chamado das Costinhas com muito povo de diversas freguesias do concelho e meninos e meninas da Santa Cruzada. Recolhando tudo à capela de S. Bartolomeu. Na procissão iam as seguintes imagens em 2 lindos andores: S. Bartolomeu e Senhora da Cabeça.

— Realizou-se o casamento do sr. Augusto Pereira, do Pomar, com a menina Maria Lurdes Rocha, de Paradelas. Depois das cerimónias religiosas, acompanhados dos convidados seguiram para a casa dos pais da noiva onde foi oferecido um lauto jantar. Que a melhor estrela os acompanhe, pois os noivos pertencem a boas famílias, tendo os dotes de bom coração.

— Na sua residência no Pomar, faleceu com 84 anos de idade o sr. Hilário Nunes, sendo o seu enterro muito concorrido com muito povo de ambas as classes e das seguintes confrarias: Almas e Sr.a do Rosário. O falecido tinha cegado há 2 anos.

Que repouse na paz do Senhor.

— Vinho nasce muito. O do ano passado é pouco procurado. Só oferecem pelos 500 litros, do melhor, 800\$00.

— Tive o prazer de cumprimentar, (chegados de Lisboa, o sr. António Rocha, da Telhada, e o sr. Orlando Rocha, S. Bartolomeu. Vieram passar aqui as festas, na companhia das famílias. Sejam bem vindos. — C.

## Parada do Monte 10

**Visita pascal** — Realizou-se nesta freguesia a visita pascal no domingo e segunda-feira. O tempo magnífico muito contribuiu para esta solenidade, e para estreitar os fatos novos, isto quem os tinha.

**O tempo e a agricultura** — Após uma grande estiagem choveu copiosamente, o que muito veio contribuir para o bem da agricultura. As terras já estavam secas e já se fazia sentir a falta de águas.

— Continua a tirar-se o estrume para as terras, e já se principia a sulfatar. Em outros anos só se sulfatava depois de lavar mas este ano vai-se sulfatar antes de deitar as terras. Pois que a gomada já está grande. — (C).

## S. Paio 12

A Visita Pascal decorreu num ambiente de grande alegria, pois Jesus Cristo entrava em todas as casas, que O recebiam alegremente.

— Realizou-se, no passado dia 9, a festividade de Nossa Senhora do Amparo, no Barral. Houve muita animação e conforme se desejava.

— Para assistirem ao grande festival folclórico de Soutomendo — Fiães, deslocaram-se desta freguesia algumas dezenas de pessoas. E não admira! Pois, perto do grande pilar da História de Melgaço, se juntaram os afamados grupos folclóricos de: Santa Marta de Portuzelo, Bico Paredes de Coura e S. Torcato de Guimarães, tendo, além disto, muito foguetório, duas bandas de música e dois potentes antifalantes. Até à data foi o primeiro grande congresso popular do Alto Minho, apesar de o terreno não o permitir.

— Faleceu uma filhinha de tenra idade à sr.a Margarida Alves, do Pombal. Ao esposo, mãe e família os nossos sentidos pésames. — (C).

pretérito dia 5, a sr.a Leonor Augusta Pereira, filha de Alfredo Fernandes Pereira e de Ludovina Rosa Gonçalves, viuva, desde 23-3-1949, de António Pereira (Caixa) com quem havia casado em 15-6-1902.

Paz a sua alma e a toda a família enlutada, nomeadamente a sua filha e a seus filhos srs. Armando, Inocência e António Pereira, apresentamos sentidos pésames.

**O tempo e a agricultura** — Voltou a chover e bom seria que continuasse, pois a seca já se fazia sentir grandemente.

O estado vegetativo das culturas, mormente o das vinhas, está adiantadíssimo, e os respectivos trabalhos agrícolas estão também bastante adiantados.

## Será justo?

(Continuação da 1.a pág.)

ge dos hábitos do nosso povo. Faço esta chamada, pois assim pode pensar alguém que saiba porque acabou outrora o posto de Lovió, orientado pelo sr. Manuel Marques, hoje ex-emprego agente da Guarda Florestal. Pode pensar (assim quem se lembra que as mães de Cavaleiro-Alvo queriam a presença de seus filhos «debaixo do seu olhar protector», opondo-se a que corresse os riscos do trajecto, forçando assim o posto a fechar portas.

Quais, então, os verdadeiros motivos desta recusa?

Não irei insistir num ponto, por demais conhecido, até porque, em boa verdade, isto não julgo decisivo, embora, sem dúvida, de muita importância — as dificuldades de acesso ao posto.

Não posso, todavia, passar sob este ponto, sem uma rectificação e um comentário.

A primeira referência ao local, referido por Manuel Meleiro, onde se deu um acidente de triste recordação para mim e que me teria roubado a vida se não fora a mão amiga e salvadora de Mário Gonçalves. E' com profunda mágoa que me vejo forçado a relembrar esse dia, mas o meu amor à verdade assim me impõe. O luto de que foi vítima Manuel Meleiro com quem pessoalmente conversei sobre o assunto, deve-se ao facto de ter frequentado um ano o posto e só depois a escola de S. Paio e ainda a uma semelhante topografia dos locais de passagem das correntes de água. Existe, realmente, em qualquer dessas passagens um mesmo regato, muito perigoso no tempo das cheias e ainda um corrego (permitted me as expressões para indicar correntes com diversos volumes de água). Ora, foi no corrego que corta o caminho de S. Paio que o meu acidente ocorreu. Saliente-se, no entanto, que isto em nada afecta o valor das afirmações do sr. Manuel Meleiro, já que, como se verificou, no itinerário do posto, sendo necessário transportar idênticos raios, é ainda forçoso galgar a encosta, a fim, dum recorte desamparado, onde, em dias de ventania, nem os diabos param. Agora, só mais um pequeno comentário.

Num gesto digno dos maiores contornos, foi o Ex.mo Sr. Director Escolar, certificar-se das dificuldades do percurso. Acom-

(Continua na 3.a pág.)



**Será justo?**

(Continuação da 2.ª pág.)

pachou-o o sr. António Vaz que, ao mesmo tempo que lhe indicava o caminho, lhe ia explicando o clima da região e todos os factos de interesse para bem decidir. Não precisou, Sua Ex.ª, terminar a viagem para ver que nenhum pai poderia estar socegado com seus filhos sujeitos a tão grandes perigos. Ao chegar aos campos «Da Ponte», lançando um olhar para a freguesia subida que se impunha vencer, deu-se ele próprio por vencido dizendo que não trarecia a pena continuar.

Deu depois ordem para as crianças frequentarem as escolas de Rouças, a qual foi prontamente cumprida.

Mais tarde, nova ordem, mandava transferir as matrículas para o posto. Ia mais jurar a pé juntos que ela não dimanou do Sr. Director Escolar. Era impossível assim se contradizer em tão curto lapso de tempo!

Era impossível assim abusar da paciência e obediência do nosso povo, só porque se não sabe defender!

Era impossível assim desprezar os direitos adquiridos das nossas crianças, obstando-as a mudar de escola, a meio do ano escolar, com todos os inconvenientes que a mudança de orientação e a adaptação a novos métodos acarreta ao seu aproveitamento!

Era impossível i-se tão longe na defesa de interesses de comodismo!

Comodismo de quem pouco lhe interessa a cultura de quem não quer saber... Porventura quiserem tais interesses para si, os que agora, tão obstinadamente os defendem?

Adquiram as crianças, pela frequência (impertinente e autorizada) de vários meses, de anos algumas, o direito de continuar na escola até ao fim do ano lectivo. Ora o abuso deste direito, isto sim, isto parece-me decisivo.

Só um interesse público bem vincado, que não possa, não consigo discernir, poderia justificar tal solu-

ção. E não o consigo discernir porque na realidade não existe. Não quero já focar a incongruência que há entre o desejo, a todos os títulos louvável, de uma elevação do nível cultural do nosso povo; manifestado à evidência pelas entidades estaduais em vários Planos e Campanhas educativas, com a imposição de frequentar um posto escolar, a crianças que pretendem, até por facilidade de acesso e continuidade de aproveitamento, fazê-lo numa escola oficial, onde terão um mestre com outra preparação, com mais largos conhecimentos da psicologia infantil, enfim apto, com uma aptidão que, sem despirar para ninguém, a maioria das nossas regentes não possui. Que, em igualdade de circunstâncias, se obrigasse a criança a partir pela escola seria lógico e compreensível. O contrário, um absurdo, um nítido passo para trás, quando é absolutamente necessário caminhar em frente, a passo acelerado numa consciencialização de todos em volta dos problemas ideais da Nação. Não quero focar aquela incongruência, não quero falar neste absurdo. E não

o quero fazer, para me não virem com o argumento da falta de professores. Argumento compreensível (até certo ponto...), mas que começa a tornar-se lugar comum de quem não tem outra defesa. O argumento da distribuição dos alunos não pode, sensatamente, ser apresentado em momento tão adiantado do ano escolar.

Será razoável, porém, que, em atenção a periculares interesses de comodismo, se sacrifiquem os que querem acompanhar o esforço estadual, obrigando os seus filhos, a meio do ano (ainda é demais frisar este ponto), a deixar a sua escola, a escola da sua freguesia, a escola que alguns vinham já frequentando há 3 anos, uma escola que, embora um pouco mais distante, é servida por uma estrada onde eles nenhuns perigos corriam, para irem frequentar um posto, interrompendo assim a sua preparação e expondo-os a riscos, que podendo-lhes ser fatais a eles, roubam ao socego aos pais?

Rpto — Será razoável?  
Será justo?  
Coimbra, 11-4-61  
Abel Augusto Vaz

**GRI... GRI... GRI**

Pela maneira como por todos fomos recebidos, ficamos dispostos a concluir no próximo Setembro as obras suspensas, porque se esgotou a verba que atingiu cerca de 1.200\$00, e seguiremos os mesmos caminhos se Deus o permitir, e seremos bem recebidos, porque a obra feita agrada a toda a gente.

...

Nos meus últimos rabiscos o que diz respeito a vinho, não está certo. Se a culpa foi minha, prometo, de futuro, ser mais cauteloso.

Aconselham os Srs. Engenheiros-Agrónomos a trasfegar o vinho em Novembro ou Dezembro, e quem o não possa, por qualquer circunstância, fazer, por essa altura, poderá fazê-lo em Março e até em Maio, mas quanto mais tarde, pior. Além disso, quem não lhe juntou na fabricação os cristais de enxofre, tem agora a oportunidade de lhes juntar na proporção de 60 gramas por pipa.

Não esquecer que os cristais são dissolvidos numa pequena porção de água fervente, mexendo com um pauzinho ou cana, numa caneca ou malga; espera-se que arrefeça, e então é que se deitam no vinho.

GRILLO

**PRADO, 10**

Com quente entusiasmo, muito brilho e grande luzimento, se realizou aqui, no pretérito dia 3, a costumada Visita Pascal, a qual mais uma vez foi feita pelo nosso rev. do Diácono e amigo sr. Justino Afonso, pessoa extremamente simpática, que desde há muito conquistou os corações da generalidade dos pratuenses, e que muito aspiram a tê-lo aqui como pároco.

Interessante e feliz a iniciativa de se formar a procissão do recolhimento da Cruz, no Rego, à entrada da Rua Direita, o que lhe deu maior imponência.

Também a Cruz estava primorosamente adornada como nunca, com fino gosto e capricho; mimoso trabalho que toda a gente muito apreciou e admirou, cuja autoria pertence a s.ra D. Maria Rosa da Silva Calheiros, pelo que esta está credora de todos os elogios e parabéns.

Pelo ilustre Presidente da Direcção do Grémio da Lavoura de Melgaço, foi-me oferecido um exemplar do Relatório, Balanço e Contas da gerência de 1960 daquela organização agrícola, o qual li com atenção e subido interesse, e de cuja leitura fiquei a saber que as mesmas contas encerraram com um saldo de 20.000\$, o que é importantíssimo. Grato pela gentileza.

Em 27 do mês findo, foi aqui a enterrar uma criança do sexo feminino, filha dos Caseiros de Cortinhas. Sinto.

Também faleceu, no Porto, em 7 da corrente, a s.ra Marcelia Lourenço Bernardo, solteira, de 30 anos (completara-os em 6 de Fevereiro último) filha da s.ra Filomena Lourenço e de seu defunto marido sr. Manuel António Bernardo, da Corredoura.

Paz a sua alma, e a toda a família enlutada, nomeadamente a sua inconsolável mãe, apresento sentidos pêsames.

Com o nome de Maria Umbelina, foi, ontem, baptizada na paroquial desta freguesia uma menina, filha de meu primo sr. Manuel de Jesus Soares e de sua consorte s.ra Maria da Conceição Barreiros.

Mais uma bisnetá para meus avós. Que Deus a faça inteiramente feliz.

A passar a Páscoa com seus pais, estiveram aqui o sr. Manuel José Gomes de Sousa Júnior e sua irmã menina Delfina Gomes de Sousa, esta aluna da Escola de Enfermagem Artur Ravara, onde já passou no 2.º período de examar para enfermeira, e aquele, que acaba de terminar o curso de artifice electricista na Escola de Mecânicos da Armada, sendo classificado em N.º 1 do curso e promovido, apresentou-se no dia 3 na fragata «Diogo Cão», a fim de tirar cartão para novas promoções.

Também a passar a Páscoa com seus estremecidos avós, esteve na Quinta da Serra o jovem Filinto Elísio Gomes Pinheiro de Almeida, do Porto.

Pelo mesmo motivo estiveram nesta a menina Virginia dos Prazeres Barreiros e seu irmão José Luís, do Porto.

Com sua esposa, passou alguns dias entre nós o sr. António Augusto Gomes de Sousa (António Sapa-teiro) de Vigo, que havia já muitos anos que não vinha à terra dos seus maiores.

A França regressou o sr. Júlio Joaquim de Barros, e ao Canadá o sr. Manuel Luís Afonso. Este deixou a sua casa no Cerdedo em adiantado estado de construção.

Vi aqui de fugida ao sr. Henrique Fernandes Bermudes, guarda florestal em Riba de Mouro, Monção.

Dos estudantes desta freguesia lembro-me de ter visto as meninas Ilda Alves Esteves e Maria Ester Ribeiro e os srs. José Luís de Araújo e o futuro médico José de Sousa Loboato, da Breia.

(Continua na 4.ª página)

**Pinto de Magalhães, L.da**

**BANQUEIROS**

**CAPITAL E RESERVAS: Setenta e cinco milhões de escudos**

PORTO — Rua Sá da Bandeira, 53 — Telef. 20133 (P. P. C.) 7 linhas  
LISBOA Rua do Curo, 95 — Telef. 366056 (P. P. C.) 5 linhas  
AMARANTE \* ARCOS DE VALDEVEZ \* PENICHE \* ELVAS \* VILA DA FEIRA \* FÁTIMA

CORRESPONDENTE NO RIO DE JANEIRO

**Pinto de Magalhães, L.da** — Rua do Ouvidor, 86

Faça render as suas economias depositando-as em

**Pinto de Magalhães, L. da**

**BANQUEIROS**

**Todas as Operações Bancárias**



**Ainda a questão do Posto Escolar de Cavaleiro-Alvo**

(Continuação da página 3)  
 diz, basta perguntarmos como é que afogam as vacas, e não lhe afogam as ovelhas ao Sr. Adriano, que no rigor do inverno se vêm apascentar aos montes de Cavaleiro-Alvo?

De resto é inútil estar a esclarecer o ponto de que o caminho não é obstáculo a que eles frequentem o Posto. Pois se o Posto já conta perto de 30 anos, e eles o frequentam há bastante mais de vinte. Os filhos do Sr. Manuel Meleiro, alguns já casados, onde aprenderam eles? Que escola é que frequentaram todos ou quase todos os de Lóvió que contam nos 8 aos 30 anos. Acresce que frequentavam o Posto porque lhes convinha. Com a maior facilidade podiam frequentar outra escola. Este rigor dos Núcleos parece ser recente. Porque é que eles caem em peso aqui? Em vinte anos foi esta a escola que mais lhes convio. Só agora que de modo especial a ela estão adstritos, é que deparam com um caminho quase impossível de transpor.

Não, háj dúvidas: Não é o caminho difícil, não é o vento nem a água, não é o calor nem o frio, nem a chuva nem as tempestades que os impedem de frequentar o Posto. O dói é muito outro...

Também não quero deixar de fazer uma allusão á afirmação de que os de Cavaleiro-Alvo não têm oha do peio Posto, que tem um curral de animais por baixo da sala de aula.

Primeiro, quero dizer-lhes que enquanto ele estiver aprovado pelas entidades competentes, como de facto o foi, nós nos damos por satisfeitos. E se algum dia essas mesmas autoridades tiverem alguma observação a fazer, nós cá estamos. Mas desde já agradeçamos o conselho de vossos Amigos, que me vão permitir ainda outra observação. Que nos têm a dizer pelo facto de nada termos feito pelo Posto? Não sabem que o respectivo edificio tem dono? Os Srs. permitem que alguém mexa naquilo que é de Vocês?

Eu quero exprimir aqui, também as maiores reservas quanto ao facto de a Sra. D. Adelaide da Glória Alves ter feito a allusão que lhe atribuíam. Temos a maior consideração por tão distinta Senhora, mas se o fizesse teija de o sustentar perante os dois accusos que em dois anos distintos lhe estiveram confiados. E não só, pois outras Regentes

lá estiveram por muito mais tempo do que a Sra. D. Adelaide, e não consta que tivessem tal queixa a fazer.

E vamos cá a ver: em Lóvió que classe de estabelecimentos tem por baixo das suas casas de habitação? E que negócio é aquele que existe por baixo da escola de Rouças? E fiquemos por aqui.

Dizem que o povo em minha arreda da resolução: «as crianças de Lobio nunca mais voltam

a frequentar o Posto de Cavaleiro-Alvo».

Antes de mais nada, quero garantir-lhes que o povo não é que vai sustentar esse capricho. Pois podia citar aqui os nomes de A, B, ou C que várias vezes nos têm afirmado que mil vezes preferem vir a Cavaleiro-Alvo do que ir a Rouças. E se eu citar o nome de Filano ou de Cícrano que tomaram já a decisão de enviarem as suas crianças ao Posto?

De resto, as crianças de Lobio não voltarão a frequentar o Posto se a Lei é letra morta, ou se já não restam as autoridades mais adequadas para a fazer respeitar.

Nós confiamos no cidadão desinteressado das entidades escolares, que com os saberes distinguir o que é real interesse do que é capricho.

E quanto ao estabelecer um dialogo com os meus vizinhos, tenho a dizer que me sinto muito honrado com isso, mas desde que ele se revista dum minimo de respeito pela verdade.

José Cândido Marques

**AS MAIS SELECIONADAS ARVORES DE FRUTO**



As melhores sementes de flores e de horta.

As mais lindas ROSAS premiadas em concursos internacionais.

Camélias, arbustos, arvores, bolbos, insecticidas, fungicidas. Construção de jardins, parques e pomares. **ALFREDO MOREIRA DA SILVA & F.ºs Lda** Telefone 21957 Rua D. Manuel II, N.º 55 PORTO

**LAMAS DE MOURO, 10**

Os assíduos leitores de «A Voz de Melgaço» devem ter notado que desde há muito fálhou a correspondência de Lamas. Quem mais lhe sentiu a falta foram as pessoas desta freguesia que em terras longínquas trabalham por melhorar a sua situação e das respectivas familias. Bem sei quanto elles estimam alguma noticia que de tempos a tempos lhes leva este jornal. Por isso, sem me comprometer a uma correspondência regular, garanto-lhes que procurarei dizer-lhes, de vez enquando, alguma coisa do que por cá se passa.

E para começar, eis algumas noticias:

—Consta que os C.T.T. vão instalar brevemente uma cabine telefónica pública em casa do Sr. José Cardoso Reimão, no lugar do Porta-Ribeiro. E este, sei d'vída, um grande melhoramento para a freguesia, que bem carecia dele. Bem hojam, pois, aqueles que procuram tal beneficio para este bom povo.

—Afim de continuar os seus estudos no Liceu de Braga, regressou a esta cidade, depois de ter gozado as férias da Páscoa na casa paterna, o inteligente e aplicado aluno Manuel António Domingues.

—No domingo de Ramos realizou-se o funeral do sr. Manuel Alves, que faleceu no lugar de Cima, com 86 anos de idade. Os officios fúnebres por sua alma realizam-se amanhã, dia 11, primeiro dia livre, segundo a liturgia. Para o saudoso extinto, que foi muito chorado, desejamos o repouso eterno e á familia enlutada dirigimos sentidos pêsames.—C.

**MOVIMENTO DO BANCO**

durante o mês de Março

Consultas 373, Injeções 534, Curativos 364, Dia-termias 9, R.X. 13, R.P. 38, Pequenas Cirurgias 16, Grandes cirurgias, 4, Baixas 29, Altas 29, internados 8.

**Maternidade**

Maria Armanda Domingues, uma menina, Paderno, Sante; Odete Daniel, uma menina, Vila; Maria Luísa de Sousa, um menino, Prado, Bouças; Maria Lurdes Saraiva, um menino, Paderno, Aldeia; Maria dos Remedios Freitas, um menino, S. Paio, Cabencas; Alzira Augusta Esteves, uma menina, Paços, Sá; Célia Gonçalves Penurias, uma menina, Rouças, Surribes; Margarida Alves, uma menina, S. Paio, Pombal; e Maria Helena Novais, um menino, Penso, Paranhão.

**PRADO, 10.**

(Continuação da 3.ª página)

—Regressaram a Lisboa as irmãs Puzza Carolina Camanho de Carvalho e Flaviana Soares Moreira, bem como o sobrinho de ambas António Bernardino.

—E, muito embora se me parta o coração por ter de confessá-lo, devo dizer que esta freguesia está infectada de «ratos» de horta, parasitas da mais baixa extração que gostam de comer bem, mas á custa alheia e que não temem a Deus, que de tudo lhes há-de pedir contas. Assim, pela Páscoa, a mim roubaram-me três repalhos enormes que ainda não estavam bem fchados; a sr.a Ludovina Rosa Dantas os bandidos limpam-lhe nada menos de sete pés de couve-tronchuda, e outros se queixam de idênticas proezas.

Em bem sei que isto não é espirito cristão. Mas deixai estar filhos... espúrios que eu não tenho esquecido de rogar a Deus para que na hora da vossa morte vos passe guias de marcha para as profundas do inferno.—C.

**P. S.** —De Nogueirinha, Macedo de Cavaleiros, acaba de nos chegar a infauista noticia de ter falecido ali, pelas 5,30 horas do dia 10, o sr. Elias de Jesus Gomes de Sousa, chefe de cozinha que foi durante muitos anos do "Hotel Bragança", de Lisboa, e agora lavrador, natural desta freguesia, onde nasceu em 18-10-1897, do casamento de António Augusto Gomes de Sousa com Maria de Jesus Vaz.

O chorado extinto era casado com D. Maria Eugénia Pinto, irmão das sras. Almerinda, Carolina e Angelina Gomes de Sousa e dos srs. José Maria, Luís, António Augusto e Manuel José Gomes de Sousa, aos quais, bem como a toda a demais familia enlutada, apresento sentidos pêsames.—(C).

**ANIVERSARIOS**

**Fazem anos:** — Amanhã o sr. José Albano Lourenço, no dia 17 a sr.a D. Antonieta da Ascensão Moraes Azevedo e as meninas Maria do Céu Dantas da Costa Afonso e Maria do Rosário dos Santos Lima Peres; no dia 18 as sras. D. Carolina Gomes de Sousa e sr.a D. Maria Eduarda das Neves Pinheiro Carvalhinhos, as meninas Maria Armanda Vaz Alves e Maria Júlia Trancoso Bermudes e os srs. António de Sousa Lobato (Regedor de Remoães) e Herculano Augusto Gonçalves Pereira; no dia 19 a sr.a D. Maria Amélia da Cunha Osório e o menino Manuel Henrique Rodrigues Vieites; no dia 20 a menina Maria Fernanda Santos do Vale e os srs. Florindo Luís Rodrigues e dr. João de Barros Durães; no dia 21 o sr. Carlos Francisco Ribeiro Lima; no dia 22 o sr. Armando da Ressurreição Rodrigues; no dia 25 a menina Fernanda Vaz e os srs. Constantino Gonçalves da Silva e Ricardo de Jesus Rebelo; no dia 26 as sras. D. Elvira da Glória Ribeiro de Figueiredo e Castro, D. Etelvina de Nazaré Pereira Rodrigues, D. Maria Celina Las Casas Neto Marques e prof.a D. Maria Armanda da Cunha Esteves e os srs. P.e António Augusto da Silva Barros, prof. António da Ascensão Afonso e Frederico Augusto Esteves; no dia 27 a menina Ivens de Fátima de Sousa e Castro; no dia 28 as sras. D. Alzira Augusta Colmeiro Pato, D. Maria Cristina Pita Barros de Almeida e D. Maria Higinia de Magalhães Fernandes Pinto e os srs. José Maria Pereira e P.e Manuel José Rodrigues; no dia 29 a sr.a D. Maria Rosa de Sousa Lima Solheiro, e no dia 30 as sras. D. Flávia Maria Gregório e prof.a D. Maria Armanda Dias de Figueiredo e os srs. Cónego António Luís Vaz, José Luís de Araújo e Artur Passos Teixeira.

**GRÊMIO DA LAVOURA DE MELGAÇO**

**CAMPANHA DE AUXÍLIO AOS PORTUGUESES DE ANGOLA**

Acceptam-se todas as doações, por mais modestas que possam parecer, e apela-se para a nunca desmentida generosidade dos Melgacenses, para que corroborem prontamente a este patriótico e humanitário apelo.

Qualquer donativo será recebido na sede deste Grémio. Melgaço, 29 de Março de 1961. O Presidente, a) António da Ascensão Afonso